

IMPrensa ESTUDANTIL E EDUCAÇÃO EM FEIRA DE SANTANA: PERIÓDICOS DO GRÊMIO DO COLÉGIO SANTANÓPOLIS – 1954 -1957

Sandra Nivia Soares de Oliveira
Universidade Estadual de Feira de Santana
Universidade Federal da Bahia (PGE-UFBA)
sandranivias@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

A idéia de trabalhar com a imprensa estudantil em Feira de Santana surge no processo de coleta de dados para a tese de doutorado em andamento na Universidade Federal da Bahia (UFBA) que se dedica a estudar o Colégio Santanópolis, o qual fez parte da rede privada de ensino da cidade de Feira de Santana, mantendo-se até o ano de 1985 e , se configurando durante 17 anos, a única instituição de ensino secundário da cidade a oferecer – além deste – curso Técnico e o Pedagógico. Foi fundado em 1933 pelo senhor Áureo Filho – cirurgião dentista e político influente na cidade, sendo a vereador e Deputado Estadual entre a década de 60 e 70.

Como se trata do estudo de uma escola fundada há quase oito décadas e extinta há mais de duas, além de pesquisarmos no arquivo da mesma em poder da Diretoria Regional de Educação e Cultura -2 (DIREC)são utilizados também como fontes os periódicos da época, entendendo encontrar nos mesmos, registros da escola. Nessa busca, entramos em contato com alguns exemplares dos semanários no Museu da Casa do Sertão, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e, posteriormente com uma coletânea organizada pela Fundação Senhor dos Passos situada na mesma cidade. Daí o interesse em saber o que estava na ordem do dia dos estudantes do Colégio Santanópolis através de seus Jornais.

Pallares-Burke (1998) nos alerta sobre a necessidade de depositar maior crédito as modalidades informais de educação e dentre elas cita os jornais, as revistas, romances, sermões ente outros por considerar que estes podem ter grande contribuição na compreensão do modo como as culturas são produzidas.

No trabalho aqui apresentado, toma-se como objeto de estudo os Jornais *O Santanópolis* e *O Coruja*, ambos produzidos pelos alunos do Colégio Santanópolis, este fundado em 1933 e extinto em 1984 após 51 anos de funcionamento. Os Periódicos

foram escolhidos porque, em que pese terem sido Órgãos do Grêmio Cultural Áureo Filho – do Colégio Santanópolis – eles não se restringem a tratar das questões ligadas ao cotidiano da escola. Aliás, os periódicos em suas duas fases – *O Santanópolis* e *O Coruja* – muito pouco apresentam questões que dizem respeito ao cotidiano do colégio, apresentando maior preocupação em manter comunicação com a sociedade de Feira de Santana, interferindo em suas questões políticas econômicas, culturais e sociais.

O objetivo do trabalho é apresentar um panorama das questões que interessavam aos alunos do Colégio nesse período e, em especial, quais questões educacionais estavam sendo colocadas por eles para a sociedade feirense e vice-versa. Dessa forma, ainda no corpo do trabalho, faremos uma caracterização dos dois jornais, mostrando rupturas e continuidades na passagem do Jornal *Santanópolis* para *O Coruja* no que se refere à abordagem de temas, na organização de sessões e entre outros aspectos destes, entendendo esta passagem como reveladora de contextos políticos e interesses envolvendo os alunos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO E RECORTE TEMPORAL

2.1 A PERIODIZAÇÃO

O período escolhido para análise dos periódicos vai de 1954 a 1957, sendo que de 1954 a 1955, o primeiro periódico era intitulado *O Santanópolis* e de 1955 a 1957 passou a chamar-se *O Coruja*, em função de *O Santanópolis* se posicionar em favor do candidato a Deputado Estadual Áureo Filho – fundador e diretor do colégio – e do também candidato a Deputado Senhor Arnold Silva.

Os exemplares analisados fazem parte de uma coletânea organizada pela Fundação Senhor dos Passos, no ano de 2010, que recuperou de forma impressa esses periódicos colocando-os à disposição da sociedade. Limitamos as análises a essas edições por serem as que, em nosso conhecimento, se encontram disponíveis. Trata-se de sete números do Jornal *O Santanópolis* e 67 edições do *O Coruja*, ambos editados com interrupções em função das dificuldades de mantê-los.

2.2 O TRATAMENTO DAS FONTES E INFORMAÇÕES

Para a realização desse trabalho buscou-se inspiração num referencial teórico-metodológico que possibilitasse a análise do recorte em estudo sem perder de vista sua relação com a totalidade social, atentando para as múltiplas determinações que fazem com que a realidade se configure de um modo e não de outro naquele contexto. Nessa perspectiva, nos apoiamos no que diz Blank Miguel (2004) quando defende que as fontes carregam em si a categoria da interpretação, pois o trabalho não se limita apenas à busca, seleção, levantamento e tratamento dessas fontes, mas da análise das mesmas com a certeza de que, os documentos produzidos nos periódicos analisados, são os resultados de interesse de natureza variada dos indivíduos que direta e indiretamente participaram de sua concretização. Nesse contexto atentando para a importância da relação imprensa/educação na construção desse artigo entendemos que:

Cabe ao pesquisador fazer uma desmontagem do texto – da imprensa – a fim de desvelar os significados, as contradições e as diferenças de forma e de conteúdo das falas que produz. Esta desmontagem significa análise do processo e das condições de sua produção/construção, a partir dos discursos disponíveis – compostos de contradições, o texto não é mais restrito a uma leitura única, harmoniosa e confiável. Aí invés disso trona-se plural, aberto à releitura e não mais objeto de consumo passivo, mas objeto de trabalho através do qual o leitor produz significado. (CARVALHO, 2002, p.153)

Os exemplares analisados nesse estudo vão de 1954 a 1957. Cabe informar que as edições dos jornais não ocorreram de forma linear havendo várias interrupções em função das condições de funcionamento dos mesmos.

Não tendo conhecimento de nenhum trabalho que tenha se debruçado em analisar periódicos estudantis e sua relação com educação, buscou-se elementos nos trabalhos que estudam a relação entre imprensa e educação. Foram consultados os trabalhos de Pallares-Burke (1998), Faria Filho (2002), Carvalho (2002), Araújo (2002), Gatti Júnior (2002), Carvalho, Araújo e Gonçalves (2002), Araújo (2005).

3 IMPRENSA E EDUCAÇÃO NOS JORNAIS “O SANTANÓPOLIS” E O CORUJA

Na primeira edição do jornal *o Santanópolis* impresso no dia 09 de setembro, em seu editorial, José Navarro – diretor deste – afirma que *O Santanópolis* destina “à função mais relevante de expressar nosso pensamento, pela imprensa livre”. Mostrando

coerência, o jornal traz algumas notas em defesa desta, como por exemplo, a intitulada **Atentado contra a liberdade de imprensa** que versa sobre a atitude repressiva do governador do Estado de Pernambuco à época, o senhor Cordeiro de Farias, que segundo a nota, vem “ordenando verdadeiro cerco às oficinas da Folha do Povo, daquela capital. Sua polícia vem praticando toda sorte de arbitrariedades contra os funcionários e jornalistas desse diário, revistando-os quando chegam e saem do trabalho” (SANTANÓPOLIS, nº 05,1955. p. 1). Sem qualquer comentário por parte do jornal, segue o relato do fato sem referência de fonte.

Na edição de número 36 de *O Coruja*, na primeira página, em matéria intitulada *O Jornalista* e assinada por Pizarro Lima¹, que discorre sobre o nobre ofício de jornalista, encontramos a seguinte afirmação sobre a imprensa:

A imprensa é o campo vasto de ação onde o jornalista estabelece suas arraias de guerra; a pena é a arma, terrível estilete que é a guisa de agulhão, fere a nobres e potentados para mantê-los em posição de ordem diante do fraco e do humilde. O jornalista é o apóstolo do bem público, o hierofante da liberdade, o decalhão da redenção dos povos; o jornalista tem asas de condor transpõe os Andes da ignorância entoando o hino da liberdade, que é a marsehesa das multidões... (O CORUJA 1956, nº 36. p.1).

Sobre a imprensa estudantil, uma nota chama a atenção para o número considerável de jornais editados por estudantes em todo o Brasil e destaca que, reunida toda essa força jovem e cheia de entusiasmo, poderá influir grandemente na orientação da mocidade para os grandes problemas da pátria. Cândido Mendes (1955) no CORUJA afirma que o número de jornais editados por estudantes em todo Brasil é respeitável. Assim ao que tudo indica, esse entusiasmo pela imprensa estudantil se fazia presente entre os diretores dos jornais em questão.

3.1 IMPRENSA E EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM OS PERIÓDICOS

Na edição de número setenta e dois aparece uma nota sobre imprensa e educação. Apesar de ser relativamente extensa para a natureza do trabalho, consideramos importante transcrevê-la na íntegra, visto que a nota traz vários elementos para se pensar a relação entre imprensa e educação do ponto de vista do jornal.

¹ Não há qualquer referência de quem seja o autor

A Imprensa é uma das mais poderosas forças do mundo moderno, sendo chamada de “a 6ª arma”, a força motriz do progresso humano, sendo como é essa extraordinária sugestão sobre o espírito universal. “Quem compra um jornal compra uma idéia...”

Mister se torna canalizarmos essa força para que ela haja em favor da educação. A Imprensa é incontestavelmente mais poderosa que a escola, porque enquanto esta se limita a um grupo pequeno de alunos, dentro de um prédio, a Imprensa se difunde sobre a cidade, o país e o mundo. Por várias maneiras podemos colocar a Imprensa a serviço da educação quando coloca suas colunas aos estudantes – como fazemos – para que os mesmos enviem noticiários sobre a vida escolar e quando pede aos professores para colaborarem com artigos de sentido cultural, que possam favorecer a formação intelectual do povo, ‘lpois a escola e o jornal, juntos, podem empreender campanhas de grande alcance, em favor dos problemas educacionais ou sociais da comunidade. Coluna estudantil deve ser tanto quanto permitam os recursos disponíveis, bem variados, compreendendo “artigos de fundo”, reportagens, colaborações. Os assuntos podem abranger todas as matérias escolares como sejam: literatura, esportes, passeios, festas, humorismo, etc. (O CORUJA, 1957. nº 72 p. 1).

A citação acima apresenta o pensamento do jornal acerca da relação entre imprensa e educação, reafirma o desejo inicial de ir além dos muros da escola e de contribuir para a construção da sociedade feirense. Para uma melhor análise, a afirmação sobre a abrangência da escola em relação à imprensa no que concerne ao número de pessoas, deve-se considerar que – na década de 50 na Bahia – a população alfabetizada apresentava os seguintes números: 40,18% entre os brancos, 15,97% entre os pretos e 21,83% dos pardos (MENEZES, 2007).

Segundo a matéria, a imprensa se coloca de várias formas a serviço da educação ao dispor de espaço para artigos, ao solicitar a colaboração de professores e, ainda, quando dispõe de uma coluna estudantil abrangendo temas escolares por ela citados. Nossa intenção é demonstrar que, na perspectiva dos diretores do jornal, fazer imprensa é fazer história da educação à medida que contribui para a instrução do povo. Nessa perspectiva do poder democratizante, educativo e instrutivo da imprensa, em texto assinado por Juvenal Lopes (1956.p.1) um dos diretores do jornal afirma: “sem dúvida que sem a Imprensa a instrução seria apanágio de poucos. E, assim sendo, o povo jazeria na ignorância; sem a instrução do povo todo o progresso de uma nação seria fictício”. Desta forma, podemos afirmar que, na década de 50 aqui em Feira de Santana, o jornal se direcionava da mesma forma que em Minas Gerais no século XIX, que segundo (FARIA FILHO, 2002, p.134) O jornal foi visto como uma importante estratégia de construção de consensos, de propaganda política e religiosa, de produção de novas sensibilidades, maneiras e costumes. Sobre tudo os jornais foram vistos como importantes estratégias educativas.

4 O JORNAL “O SANTANÓPOLIS”

Na apresentação da coletânea organizada pela fundação Senhor dos Passos, o Senhor Evandro Sampaio de Oliveira² (2010) – ex-aluno do Colégio Santanópolis e Secretário do periódico na época – dá notícia de outros periódicos editados no Colégio como inúmeras edições de cursos ou de turmas, estes mimeografados. “Queremos ressaltar os quatro que me lembro: O primeiro Jornal impresso em tipografia foi “A Aiveca”, tivemos vários outros, *Jornal Cultura*, “*O Santanópolis*” E *O Coruja*, todos impressos na Folha do Norte”.

O referido jornal foi fundado por um grupo de alunos sendo nomeados pelo senhor Evandro, Oyma Pinto da Silva, José Luís Navarro da Silva (diretor), Evandro Oliveira (secretário), Antonio Wanderley (redator), Jair Santos Silva (diretor técnico), Olney São Paulo Juvenal. No grupo citado nominalmente figura uma mulher Maridélia Jales, que inclusive faz parte do corpo administrativo do Jornal na função de Gerente.

Com algumas interrupções, *O Santanópolis* sobreviveu por dois anos até mudar de nome em função da orientação política em favor do Dr. Áureo Filho que tinha fortes ligações com o Colégio, conforme abordamos anteriormente. Além disso, dois diretores do jornal eram sobrinhos do senhor Arnold Silva também candidato. Para demonstrar a articulação do periódico estudantil com a sociedade feirense, o senhor Evandro apresenta uma lista de colaboradores que, segundo ele pertenciam à elite cultural de nossa cidade e assinavam os semanários: Dival Pitombo, Carlos Pires, Jaime Carvalho, Antonio Lopes, Manuel Marques, e muitos outros.

4.1 SALTANDO O MURO DA ESCOLA

Na edição do dia 9 de setembro de 1954 na primeira página a manchete, *Ressurge O Santanópolis*, denota o retorno do Jornal e o editorial anuncia: (O SANTANÓPOLIS, 1954 nº1. p.1) “Volta *O Santanópolis* à circulação”. Desta feita não como gazeta interna do Colégio Santanópolis, e sim como um hebdomadário, editado pelo centro Cultural Áureo Filho, órgão de Classe dos estudantes do referido colégio. O trecho acima revela

² Evandro é filho do diretor do Colégio na época, o senhor Áureo Filho.

as pretensões do semanário de se inserir em discussões mais amplas no conjunto da sociedade, deixando de ser uma gazeta interna, saltando o muro da escola para interagir com a sociedade à qual pertence. Logo em seguida, o diretor do jornal José Luiz Navarro coloca quais seriam as intenções do jornal, disposto a se tornar referência em Feira de Santana:

Por muitas vezes o espírito idealista do moço feirense, se tem feito revelar pelo desejo incessante de elevar o nível cultural de nossa terra, por isso mesmo é que destas colunas, sairão as opiniões, os idéias, enfim o pensamento do moço estudante dessa terra. Clamaremos como um vulcão que está sempre em atividade, expelindo a lava incandescente da justiça, da liberdade e ao dever, contra o descalabro, a injustiça e a opressão, não pálida e disfarçada, e sim, enérgica e eficientemente, colocando-nos sempre no lugar que é nosso. (SANTANÓPOLIS, nº 01 1954.p1).

A citação acima torna ainda mais evidente as pretensões do semanário em se constituir formador de opinião em Feira de Santana. Coloca para si, embora de forma discreta, a missão de tornar-se referência na formação cultural dos moços da cidade elevando o nível cultural da mesma. Isso porque,

um dos dispositivos privilegiado para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, portadora e produtora de significações. A partir da necessidade de informar sobre fatos, opiniões e acontecimentos, a imprensa procura engendrar uma mentalidade – uma certa maneira de ver – no seu destinatário, constituindo um público leitor. (CARVALHO, 2002, p.151-152)

4.2 O CONTEÚDO DO SEMANÁRIO

Na fase em que se intitulou *O Santanópolis*, o periódico ainda preservava algumas características de um jornal estudantil voltado para os alunos de uma determinada escola, muito embora já fosse possível notar o conflito entre os interesses de um público interno com um jeito estudantil e o “vulcão” sempre em atividade no seio da sociedade.

Percebemos que nos três primeiros números, em função da proximidade com as eleições, a política partidária dominava o tema, inclusive fazendo campanha política para o candidato a prefeito João Marinho Falcão e para o candidato a deputado estadual, Dr. Áureo Filho, ambos da União democrática Nacional, doravante (UDN). Essa prática entrava em conflito com o apregoado no número 01 do ano I em que ressurgiu *O Santanópolis* e se apresenta como patrimônio de Feira de Santana no qual o diretor

escreve: “O Santanópolis em sua nova fase não se destina ao apoio de candidatos a cargo eletivos; não temos cores partidárias, embora nos destinemos – principalmente – à função mais relevante de expressar nosso pensamento pela imprensa livre” (SANTANÓPOLIS, 1954). Das sete edições dessa nova fase no ano de 1954, cinco tiveram a disputa política local.

A despeito da declaração do não partidarismo quando confirmada a derrota do candidato da situação Eduardo Froés da Motta, do Partido Social Democrata, doravante (PSD) para João marinho Falcão (UDN) este apoiado explicitamente pelo *Santanópolis*, o jornal destacou em primeira página a manchete: “Enfim... Feira Livre! trazendo uma crítica feroz contra a administração do candidato derrotado. Vejamos um trecho:

Durante os anos de domínio dos Srs. mandões, de muita força política e pouca produção, a Feira foi atirada na miséria e a impunidade; mas, como todo império tem a sua decadência, chegamos ao ponto final desses desmandos, Enfim... Feira Livre! Sim, em breve estará livre do jogo de Bicho, livre de seus filhos pagarem pelos crimes alheios, livres da extirpação das suas fortunas, livres de delegados arbitrários, transigentes e parciais. (SANTANÓPOLIS, 1954 n° 04 .p.1).

Outras demonstrações de partidarismos também seguem por toda a gazeta parabenizando vereadores e deputados eleitos.

Após 10 meses sem funcionamento - seu último exemplar tinha saído em 21 de outubro de 1954 – o Jornal é retomado em 27 de agosto de 1955. Aqui, mais uma vez é exaltada a metáfora do vulcão para demonstrar a voracidade do semanário. Além disso, reafirma o desejo de fazer jornalismo em Feira de Santana (SANTANÓPOLIS, 1955, n° 05.p.2) “aqui estamos nós reabrindo essas flamejadas colunas com o mesmo ardor e entusiasmo que sempre nos invadiu o espírito, em nos chegando a hora de expressar o pensamento de uma mocidade pródiga, idealista e heróica”. (1955).

Vale ressaltar que durante esse período houve mudanças na condução do jornal. Nos três primeiros números José Navarro era o Diretor e Antonio Wanderley o Redator Chefe. No Número quatro eles trocam de posição e nas edições 05, 06 e 07 Antonio Wanderley sai de cena ficando Oyama Pinto da Silva como diretor e Luiz Navarro como Redator. Também a partir daí não aparecem mais os nomes de outros membros na condução deste. Percebemos que o Jornal continua ligado ao Grêmio do Santanópolis por conta das reiteradas notinhas explicativas com o seguinte conteúdo: (SANTANÓPOLIS, 1955. n° 06, p..2) “Este Jornal não tem ligação alguma com a diretoria do Colégio Santanópolis. É um semanário independente, publicado sob a

responsabilidade do Centro Cultural Áureo Filho, daquele estabelecimento de ensino.” O jornal traz ainda, em seu corpo, propaganda de lojas comerciais da cidade, classificados com propostas de compra e venda, propaganda de prestação de serviços de médicos, dentistas, advogados, professores de diversas matérias e cursos.

As colunas que podemos chamar de permanentes são as colunas de esportes, muito voltadas para as atividades do Colégio Santanópolis; *a Cineópolis*, assinada por Olney Alberto São Paulo, destinada a comentar as películas em cartaz nos cinemas da cidade; *o torneio charadístico do Santanópolis* destinado a qualquer pessoa com a distribuição de brindes; a coluna denominada “*sociais*” (grifo nosso) que se destina a dar notícias de aniversários, noivados, casamentos e outros eventos sociais da cidade; também aparecem dicas de saúde e beleza, artigos sobre religião, textos sobre cultura geral, de análise de conjuntura, científicos e acadêmicos, quase sempre transcritos de jornais maiores de Salvador e até de outras capitais do país. Não faltam, ainda, a coluna de curiosidades e o espaço dedicado à poesia, tão comuns em periódicos dessa natureza. Aparecem também em alguns números, alguns artigos dedicados a criticar o Rádio feirense.

Ganha destaque a partir da quinta edição uma coluna intitulada *Causerie* – palavra de origem francesa que pode ser compreendida como uma conversa geralmente curta e bem humorada quase sempre publicadas em jornais – A partir da 5ª edição do *Santanópolis* a *Causerie* se fará presente mesmo depois da mudança de nome do jornal para *O Coruja*. A referida Coluna é assinada por um dos estudantes com o codinome de Conde Evey e se destina a comentar, quase sempre, a vida social de Feira de Santana, fazendo uma crítica a seus costumes morais de forma provocativa e sarcástica a ponto de despertar a ira de alguns de seus leitores.

Cada coluna do jornal, por si só, poderia nos oferecer elementos para análises interessantes sobre a vida feirense e o olhar desses jovens sobre a cidade e sua cultura, entretanto, este não é objetivo desse trabalho. As raras discussões e informações que aparecem no *Santonópolis* sobre a educação foram propositalmente ocultadas porque serão tratadas juntamente com os elementos de *O Coruja* por entender que, em larga medida e pela própria história do jornal, a troca de nomes se dá de forma conveniente para atender aos interesses políticos eleitorais dos membros do jornal.

5 O JORNAL O CORUJA

Com base na informação de (OLIVEIRA, *apud* MELLO, 2010.) *O Coruja*, como relata o senhor Evandro na apresentação da Coletânea de jornais da Fundação Senhor dos Passos, veio substituir *O Santanópolis* cujo nome remetia sua relação direta com a escola: “ mas com o tempo fomos nos envolvendo com os problemas da cidade e começamos a fazer campanhas que envolviam posições políticas. Como Áureo Filho diretor do Santanópolis e Arnold Silva tio de dois diretores do jornal, eram candidatos, resolvemos mudar o nome para *O Coruja*”.

A mudança de nome foi apenas um ajuste político para não comprometer as posições políticas dos diretores e sua campanha em favor dos candidatos. Desde a edição de número cinco do *Santanópolis*, desapareceu a indicação deste como **Órgão do Grêmio Cultural Áureo Filho** (grifo nosso), sendo substituído pela denominação de **Órgão Independente Noticioso e Literário** (grifo nosso), percebe-se que a intenção é desvincular o jornal do Colégio Santanópolis em função das opções políticas do mesmo.

Infelizmente a coletânea não apresenta o primeiro número do semanário, para que pudéssemos ver, em seu editorial, o que dizia os alunos para a mudança de nome. Porém na edição de número oito, a primeira da coletânea, é dada a seguinte justificativa numa pequena nota em destaque: “ A direção deste semanário, resolveu mudar o título do mesmo (Santanópolis) para *O CORUJA* a fim de que êste jornal não pareça ser filiado ao estabelecimento de ensino do mesmo nome.” (O CORUJA, 1995, nº 08. p. 4) Contudo, não seria um desvario afirmar que o jornal *O Coruja* continua ligado ao Grêmio Cultural Áureo Filho, visto que a composição de seus dirigentes continua a mesma, a própria justificativa indica apenas uma mudança de nome o que fica evidente também, no trecho da apresentação feita pelo senhor Evandro, e explícito na edição de número 29 do dia 04 de março na primeira página com o título *Confirmando*, onde se lê:

estava nosso redator-chefe na secretaria do Colégio Santanópolis quando dirigiu-se a ele o Bacharel Demóstenes Álvaro de Brito, solicitando uma confirmação da nota publicada em nossa edição do dia 04 de fevereiro do corrente ano, sob o título “memórias de um soldado”. Não vamos agora repeti-la por não contarmos com bastante espaço, mas não é por isso que deixamos de confirmá-la. (O CORUJA, 1956. nº29, p. 1)

Além disso, o endereço do jornal continua o mesmo do *O Santanópolis*: Rua Sales Barbosa, 01 – Centro. Portanto, podemos concluir que *O Coruja*, pelo menos em seus primeiros momentos é *O Santanópolis* com outro nome.

5.1 O CONTEÚDO DE O CORUJA

Nos seus primeiros exemplares *o Coruja* é exatamente o *Santanópolis* com outro nome. As mesmas colunas, o mesmo modo de organização do espaço gráfico, a mesma ambigüidade entre uma imprensa meramente estudantil e a pretensão de interferir na sociedade feirense. Porém, percebemos a retirada do nome *Santanópolis* da coluna torneio *Charadístico* confirmando a tentativa de desvincular o jornal do Colégio. Desaparecem algumas colunas que apareciam de forma irregular com brincadeiras e insinuações inocentes envolvendo alunos do colégio Santanópolis. É a nova identidade que o jornal quer construir o que envolve negar publicamente o *Santanópolis* para poder, certamente ganhar maior credibilidade da sociedade feirense.

Outras colunas são agregadas ao *Coruja*, como, por exemplo, a Rádio em revista, assinada por um autor que prefere assinar sob o pseudônimo de King Kong, que se propõe a analisar o perfil do rádio em Feira de Santana criticando o conteúdo e a forma deste. Outra coluna bastante relevante que aparece na nova configuração do Jornal é a *De Auditū*³ (assinada por O Índio⁴) dedicada a denunciar, principalmente, os problemas de infra-estrutura da cidade e a fazer cobranças ao poder público. Mas também dando opiniões sobre outras questões referentes à cidade. Inclui-se no jornal uma coluna nomeada por Semana Policial que dá notícias sobre as práticas criminosas da cidade. Coluna esta que traz um fato digno de relato nesse trabalho porque ela demonstra a importância que o jornal, mesmo sendo um periódico estudantil, ganhou na sociedade feirense.

Na página 04 informa sobre o roubo de vários pertences do senhor Paulo Braz de Lima, por um indivíduo conhecido pela alcunha de Vela Branca. Na mesma coluna é apontado como receptador um soldado de prenome Durval. O que parecia ser uma nota despreziosa rendeu ao jornal processo aberto pelo soldado que os procurou no Colégio Santanópolis para tirar satisfações. E, na edição do dia 19 de março, a manchete de abertura do jornal é: *O Coruja* é chamado à justiça.

³ De ouvi dizer em latim.

⁴ Codinome utilizado pelo responsável pela coluna.

É possível perceber, à medida que avançam as edições, que *O Coruja* vai aperfeiçoando sua diagramação e seu envolvimento com questões que dizem respeito à vida política e social da cidade. As colunas *Cineópolis*, *Curiosidades* e *Causerie* mantêm o estilo mais próximo de uma gazeta estudantil. Entretanto, fica confirmada a intenção posta na edição do dia nove de setembro de 1954: interferir na vida da cidade. Conseguiram!

6. O CONTEÚDO SOBRE EDUCAÇÃO DOS JORNAIS.

A partir desse ponto faremos uma análise dos conteúdos, sobre educação, veiculados nos jornais com o objetivo de saber quais questões educacionais interessavam aos estudantes naquele período.

Analisando as matérias e notas que aparecem nos jornais optamos por classificá-las em dois tipos: as que trazem aspectos educacionais mais gerais e, aquelas que dizem respeito às demandas locais sobre educação. Para este trabalho daremos atenção maior às demandas particulares para tentar descobrir quais questões mais fincadas na realidade local interessavam aos estudantes e como eles se posicionavam diante delas, e como estas estavam articuladas com a discussão educacional no país.

Foram catalogadas 43 matérias referentes à educação nos dois periódicos, sendo que no *Santanópolis* não apareceu nenhuma matéria de cunho local nem mesmo sobre o funcionamento do colégio. As matérias de cunho geral formaram um total de 13; nesse conjunto – 03 envolvendo o universo educacional – e as 30 restantes sobre matérias locais.

6.1 AS MATÉRIAS DE CONTEÚDO GERAL

As matérias sobre educação que estamos denominando de gerais – porque não se referem a nenhuma demanda estadual ou municipal – versam sobre os mais variados temas assim elencados por nós: 1. A crise brasileira do Ensino Médio, assinada por Valmir Chagas; 2. Sobre uma escola situada no subúrbio do Rio de Janeiro assinada por J. Calheiros Bonfim; 3. Discussão sobre a grande influência européia em nossa cultura, assinada por Jaime Carvalho; 4. Uma pequena e sarcástica quadrinha sobre a Lei do Ensino, esta vale à pena transcrever: “Temos lei, mas é somente/ pretexto para dar trela/ e vive aqui toda gente/ a saltar por cima dela.” Assinada por “Joujou”; 5. Uma matéria

sobre a Escola Nova apresentando seus princípios e referenciais teóricos como Dewey e Kershensteiner; 6. Apresentação de um texto sobre Educação e Educador; a Campanha Nacional de Educação Rural; 7. Relato sobre discriminação racial em universidade dos Estados Unidos da América pelos *mancha negra da democracia* ; 8. Apresentação de uma matéria tratando das curiosidades sobre o ensino primário, mostrando aspectos de sua organização em diferentes países; 9. Notícias sobre o XVIII Congresso Internacional de Geografia; 10. Apresentação de uma matéria sobre a importância do grêmio estudantil; e por fim, 11. Uma matéria de opinião a respeito da greve de professores.

Na maioria das vezes essas matérias são retiradas de periódicos da capital do estado e de outras capitais brasileiras. Algumas não possuem autoria. Com exceção da discussão sobre greve, em geral essas matérias não se conectam com as demandas locais. Essa matéria vai gerar um artigo e manifestar a opinião de um dos diretores contra a greve.

6.2 MATÉRIAS E NOTAS DE CONTEÚDO LOCAL

As matérias de conteúdo local são aquelas que tratam de questões referentes ao estado da Bahia e /ou Feira de Santana. São matérias de opinião, notícias sobre a educação, propagandas de escolas da rede pública, filantrópica e privada, a exemplo da abertura de cursos como o Pedagógico – Escola Normal do Santanópolis – em 1956, o 29º aniversário da Escola Normal também no mesmo ano ,a inscrição para exames de admissão, notícias sobre a organização estudantil e sobre as lutas políticas em torno da escolarização, a criação de escolas municipais e estaduais, distribuição gratuita de cadernos e cartilhas por parte da prefeitura, e um artigo sobre a greve de professores que ocorria no Sul do país, mas sem repercussão na Bahia , segundo o autor da matéria Virgílio Sobrinho (OCORUJA , 1956, nº61, p.1) isso se dá pelo fato de que “ ainda temos a mentalidade de professores sacerdotes”. Sai outra matéria intitulada A Greve, por Walter Neves, de cunho conservador que encerra a matéria da seguinte forma:

Até mesmo nos colégios a “senhora Greve” já faz parte dos ideais estudantis!...Calamidade!

Pois bem meus colegas e amigos, devemos de uma vez por todas acabar com tal mania, porque todo e qualquer movimento que vá de encontro às leis do

País, ou de um estabelecimento de qualquer espécie, só poderá causar prejuízo que, na maioria dos casos, não só aniquilam com os responsáveis, mas prejudicam toda uma comunidade. (O CORUJA, 1957. n° 75)

O caráter conservador do jornal está posto em várias situações quando se posiciona em favor de candidatos ligados à (UND). Muitas dessas matérias anunciam solenidades e festas de formatura das escolas locais, seus patronos e paraninfos quase sempre pessoas influentes na educação feirense. Homenageiam também colegas graduandos do Colégio Santanópolis e da Escola Normal de Feira de Santana, inclusive os que moram em outras cidades da Região – como é o Caso de Olney São Paulo – diplomado em contabilidade pelo Colégio Santanópolis e que recebeu junto com outros colegas moção de congratulação da Câmara de Vereadores de Riachão do Jacuípe. Essas notícias de formaturas e homenagens pela conclusão dos cursos Técnicos no Colégio Santanópolis e de professor na Escola Normal – muitas vezes estampado na primeira página do jornal – revela o prestígio dessa formação bem como a elitização do ensino em nosso país, fazendo com que um evento que deveria ser corriqueiro entre a juventude fosse privilégios de alguns que viraram manchete.

O jornal também era utilizado para manifestações de desagravo como foi o caso do senhor Dival Pitombo, diretor da Escola Normal, que ganhou duas notas na primeira página, inclusive na coluna *De Auditū*. Também aparecem matérias denunciando as condições precárias de escolas públicas como é o caso da Escola Maria Quitéria, quando do relato consta suas condições de higiene e a cobrança por providências do poder público, bem como professores particulares oferecendo Cursos primário e Admissão. Este é o caso da professora Altamira na Rua Boticário Moncorvo n° 09.

O jornal também é espaço de homenagem aos mestres aposentados ou falecidos a exemplo da professora pública Bertholina Carneiro que se aposenta após 35 anos de exercício na escola primária. Não podemos perder de vista que esses espaços de homenagem a uma professora primária é também um espaço em que se evidencia o perfil do profissional da época. Em matéria assinada por Ligoza, um de seus ex-alunos, assim se refere à professora: “àquela que durante seu longo período de magistério foi um exemplo de dedicação e pontualidade naquilo que lhe foi peculiar executar, aliadas à sua inteligência e indiscutível capacidade de trabalho.” E segue:

Sempre pontual nos seus horários, firme no seu propósito de bem ensinar aos alunos, com um interesse característico de uma genitora devotada

Bertholina Carneiro encerra airoosamente o seu período de professora pública, deixando um implacável exemplo para as professoras seguirem. (O CORUJA, 1955. n.º 19, p. 8).

E, arremata citando Humberto Campos, “enrijando o corpo no trabalho bruto para fortalecer a alma com o sofrimento.” Eis modelo de professora que aparece no jornal.

Grande importância no Jornal teve os assuntos ligados à abertura de mais vagas no ginásio do Colégio Estadual de Feira de Santana em 1949, através do decreto do Governador Otávio Mangabeira - n.º 14.307, de 05 de março de 1949 – em atendimento à Lei estadual n.º 130, de 14.12.1948 e à Lei Orgânica do Ensino Normal - Decreto-Lei 8.530, de 02 de janeiro de 1946 – que determinava a criação de cursos ginasiais/secundários. Funcionando em anexo à escola normal, possivelmente a partir de 1950. O Ginásio Estadual da Escola Normal e as 159 bolsas de estudo financiadas pela prefeitura de Feira de Santana ao Colégio Santanópolis não davam conta da demanda, o que gerou uma onda de reivindicações na cidade pela abertura de vagas. Nesse contexto *O Coruja* esteve acompanhando todo o movimento em torno do Colégio Estadual. Apresentamos aqui o destaque em primeira página da posse da professora Helena de Senna Assis como diretora do Ginásio estadual de Feira de Santana, fato este que ocorreu no dia 20 de março de 1956, que anteriormente ficava sob a direção da escola normal. Em matéria transcrita do jornal *À Tarde* do dia 25 de agosto de 1956 anuncia a reivindicação dos estudantes trabalhadores que exigem aulas noturnas no Ginásio Estadual:

A mocidade feirense que trabalha de dia, assim não podendo continuar os seus estudos, freqüentando o curso secundário, fez porta voz desse seu anseio, junto ao Governo do Estado o Deputado Durval Habib, enviando-lhe um abaixo-assinado com mais de trezentas assinaturas. O representante do P.S.P na Assembléia Legislativa encaminhou à Mesa uma indicação em que requer, ouvido o Plenário, seja solicitado ao Governador do Estado e ao Secretário de Educação a instalação do curso noturno do Ginásio Estadual de Feira de Santana, recentemente inaugurado [...] (O CORUJA, n.º 49 p. 01).

Acompanhando o desenvolvimento dessas reivindicações, em torno do Ginásio Estadual, no dia 16 de setembro é publicada matéria que anuncia o apoio do prefeito João Marinho Falcão à causa:

A prefeitura já mantém graças aos bons entendimentos havidos com os ilustres vereadores desse Município, através da Comissão Especial para bolsas de estudos, 150 estudantes nas diversas séries do Colégio

Santanópolis. Nesse particular do Ensino Secundário, notório é a necessidade e criação de um Curso Noturno na escola Normal nesta cidade, o que não será difícil de conseguir, se for somados os esforços do prefeito e da digna Câmara de Vereadores junto ao Governo do Estado e Secretário da Educação. (O CORUJA, 1956. nº 52, p. 01)

Aliás, ele é o único político da cidade a se manifestar sobre a questão. Vale lembrar que o prefeito João Marinho Falcão recebeu amplo apoio do Jornal quando de sua candidatura.

Por fim, na edição do dia 13 de janeiro de 1957 – há exatos oito meses da primeira nota no jornal – é noticiado a aprovação pela Assembléia Legislativa do Estado da Bahia da instalação do Curso Noturno do Ginásio Estadual. Mas, as reivindicações não pararam por aí e, em matéria do dia 06 de março de 1957 o jornal denuncia que o Curso Noturno não pode funcionar no prédio do Centro Regional de Educação à época fora do centro da cidade alegando a distância, a falta de iluminação e o péssimo estado de conservação das ruas. A reivindicação é que o Curso funcione no antigo prédio da Escola situado à Rua Conselheiro Franco no centro da cidade, o que vem a ocorrer. Torna-se importante lembrar que estamos aí há exato 15 anos da promulgação da Lei Orgânica do Ensino Secundário.

Os anos 50, no Brasil, foram anos de lutas pela ampliação das oportunidades educacionais no Brasil. Estas embalados pelas conquistas das lutas educacionais desde a década de 30 com o manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e com as possibilidades apresentadas nos texto da Constituição Federal de 1946, que segundo ROMANELLI (1988) se aproximava muito da Constituição de 1934 no que se refere ao direito à educação que não era mencionado na Constituição de 1937.

A Constituição de 1946 destinou todo o capítulo II do Título IV à educação e cultura, garantindo o ensino Primário gratuito em todos os estabelecimentos oficiais de Ensino e o nível posterior a este àqueles que não pudessem financiá-lo. Também essa Constituição estabeleceu que à união caberia legislar sobre as diretrizes e bases da educação Nacional. Com base nesse disposto em 1948 o ministro da educação da época, Clemente Mariani, constitui uma comissão com a incumbência de propor um projeto geral para a educação brasileira. Segundo Romanelli (1998, p.171) “Começa então um dos momentos mais fecundos da luta ideológica em torno dos problemas da educação, luta iniciada no final da década de 20”

A luta por ampliação de vagas esteve presente nos interesses desses estudantes, embora não percebêssemos no jornal uma militância organizada em torno desse

propósito. Entretanto, O Jornal *O Coruja* marcou presença nesse momento histórico da educação em nosso município. É a partir do final da década de quarenta, em Feira de Santana, que se inicia a expansão do ensino secundário. Até 1949 *O Santanópolis* era, na segunda cidade do interior da Bahia, o único estabelecimento de ensino secundário, até ser criado o Colégio Estadual de Feira de Santana.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar periódicos estudantis favorece aos pesquisadores da história da educação compreender os interesses dos estudantes de uma determinada época. Os jornais *O Santanópolis* e *O Coruja*, em particular, serviram de portal nos permitindo entrar no universo daqueles estudantes especificamente e, assim, observar suas articulações com as questões políticas e sociais, principalmente em nível local. *O Coruja e o Santanópolis* não se configuraram em uma imprensa especializada, mas um jornal de estudantes de classe média de uma escola da rede privada de Feira de Santana na década de 50. Através de suas produções foi possível perceber uma parte da história da educação em Feira de Santana do ponto de vista de sujeitos quase nunca convocados para falar sobre educação.

Digno de nota são as mudanças ocorridas no periódico *O Coruja* ano a ano. Percebemos ao longo das edições que os fundadores do *Santanópolis* vão se desligando da escola em função da conclusão de curso e parece que o jornal se extingue com eles. Sete de julho de 1957 é a data da última nota sobre a educação presente na coletânea. Em suas últimas edições aparece uma coluna denominada de *sessão estudantil* destinada a falar principalmente da necessidade de organização dos estudantes em Grêmios, inclusive de reorganização do Grêmio do Colégio Santanópolis:

Uma notícia que agradou a tantos quantos souberam, foi a reorganização do Grêmio que congrega os alunos do Santanópolis. Esperamos que o recém fundado grêmio em conjunto com a agremiação do curso noturno, possa despertar o interesse dos alunos daquele Estabelecimento de ensino, no que tange aos problemas sócias, educativos e desportivos, proporcionando-lhes dias mais agradáveis. (O CORUJA, nº 73 1957.p.2)

O jornal também dá notícia da fundação de outros grêmios como o da Escola Normal. Isso demonstra o desejo de esses estudantes não verem morrer o que acreditam ser a missão deles: contribuir para a formação cultural dos moços de Feira.

Em se tratando de uma gazeta estudantil, a ousadia desses alunos os levou a um lugar de referência na imprensa local. *O Coruja*, durante sua existência, recebeu várias notas de políticos e intelectuais reconhecendo a importância da gazeta. De fato, tornou-se referência. Seus interesses políticos, sua visão da cidade e de seus costumes, sua moral, seus valores, sua visão de mundo estão presentes nos dois jornais e isto os torna fonte privilegiada para estudos sobre Feira de Santana no período.

Para finalizar, registro um trecho de uma nota da edição de número 74 com o título *Escreve um Leitor*:

Sr. Diretor:

É com satisfação que o povo feirense recebe de volta “O Coruja” que tendo deixado de circular algumas semanas deixou uma lacuna aos filhos desta Terra com tantos problemas a resolver [...] sabendo que este semanário acolhe as reclamações justas de nossa população é que venho solicitar a publicação desta para que os poderes competentes voltem suas vistas para a Rua Senador Quintino (rodagem velha para Salvador) no sentido de que venha ser feita a coleta do lixo naquela rua, vez que por vários meses o caminhão do serviço não faz a retirada dos mesmos. (O CORUJA, 1957. nº 74,p. 8)

Várias outras notas podem ser encontradas ao longo do periódico, registra-se as de agradecimentos, informes de posse de delegados, e chefes de destacamento, convites para as mais variadas atividades culturais e festivas, denúncia de abuso policial. Elas se configuram numa prova do quanto essas gazetas estudantis penetraram na época na vida da cidade. Compondo imagens, construindo sentidos, influenciando fazeres, enfim contribuindo no fazer Feira de Santana.

Este um trabalho embrionário sobre o Colégio Santanópolis que, necessariamente, remonta a um estudo sobre a implantação e desenvolvimento do ensino secundário em Feira de Santana. Nesse sentido, muitas outras articulações com a vida social econômica e política da cidade são uma tarefa a ser feita. Esse trabalho tem a intenção de apenas iniciar essa discussão

8. REFERÊNCIA

ARAÚJO. José Carlos Souza. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro. In: ARAÚJO. José Carlos Souza e GATTI Júnior, Décio (orgs). **Novos temas de História da Educação Brasileira. Instituições escolares e educação na Imprensa.** Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, Minas Gerais: EDUFU, 2002 (Coleção Memória da Educação).

_____, O Progresso como um Norteamento da Educação e suas Especificidades na Imprensa uberlandense entre 1907 E 1910. In: **Cadernos de História da Educação** - nº. 4 - jan./dez. p. 83-912005

ATENTADO contra a liberdade de imprensa. **O Santanópolis**, Feira de Santana, Bahia, 09 set.1954, nº 01. Ano I. p?

BAHIA (Estado) Decreto nº14. 307, de 05 de março de 1949.

BLANK MIGUEL, Maria Elizabeth do Levantamento de fontes à Construção da Historiografia. In: LOMBARDI, José Claudinei (org). **Fontes, História e Historiografia da Educação.** São Paulo: Autores Associados, 2004.

Brasil. Decreto-lei nº8. 530, de 02 de janeiro de 1946. Determina a criação de cursos ginasiais/secundários. (LOCAL DE CONSULTA).

BRASIL. Lei nº130 de 14 de dezembro de 1948.

CARVALHO, Carlos Henrique de, ARAÚJO. José Carlos Souza e GONÇALVES NETO, Wenceslau. Discutindo a História da Educação – A imprensa enquanto objeto de análise histórica: (Uberlândia-MG, 1939-1950) In: ARAÚJO. José Carlos Souza e GATTI Júnior, Décio (orgs). **Novos temas de História da Educação Brasileira. Instituições escolares e educação na Imprensa.** Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, Minas Gerais: EDUFU, 2002 (Coleção Memória da Educação).

CARVALHO, Maria Helena Câmara Bastos. Espelho de Papel: A Imprensa e a História da Educação. In: In: ARAÚJO. José Carlos Souza e GATTI Júnior, Décio (orgs). **Novos temas de História da Educação Brasileira. Instituições escolares e educação na Imprensa.** Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, Minas Gerais: EDUFU, 2002 (Coleção Memória da Educação).

ENFIM... Feira livre!.**O Santanópolis**, Feira de Santana, Bahia 21 out.1954, nº4 Ano I, p. 1

ESCREVE um leitor. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia. 30 jun.1957, nº74, p.8

FARIA FILHO, Luciano Mendes. O Jornal e outras fontes para a História da Educação Mineira no Século XIX. In: ARAÚJO. José Carlos Souza e GATTI Júnior, Décio (orgs). **Novos temas de História da Educação Brasileira. Instituições escolares e educação na Imprensa.** Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, Minas Gerais: EDUFU, 2002 (Coleção Memória da Educação).

HOMENAGENS aos mestres aposentados ou falecidos. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia 24dez. 1955, nº19, p.8.

LIMA, Pizarro. O Jornalista. **O Coruja**, Feira de Santana, Bahia. 13 maio1956, nº36, p.1.

LOPES, Juvenal. Sobre a importância da imprensa. **O Coruja**, Feira de Santana, Bahia, 14 jan. 1956, nº 22, p.1.

MELLO, Carlos Alberto Almeida. Memórias: Periódicos Feirenses: Santanópolis (1954 a 1955); O Coruja (1955-1957). . Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos; Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2010.

MENDES Cândido. Sobre o número de jornais editados por estudantes no Brasil. **O Coruja**, Feira de Santana, Bahia, 22 out.1955, nº 11 p. 1.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Inclusão excludente: as exclusões assumidas" In: SANTOS, Jocélio (org). **Educação e os afro-brasileiros**: trajetórias, identidades e alternativas. Salvador, Novos Toques/UFBA, 1997.

NAVARRO, José Luis. Sobre os interesses do jornal. **O Santanópolis**, Feira de Santana, Bahia 09 set.1954. Nº1, Ano I, p. 1

_____Sobre a mentalidade partidária. **O Santanópolis**, Feira de Santana, Bahia 09 set.1954, nº1, Ano I, p. 1

NEVES, Walter. A greve. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia. 07 jul.1957, nº75, p. 2.

NOTAS explicativas. **O Santanópolis**, Feira de Santana, Bahia. 03 set. 1955, nº6, Ano I, p2.

OLIVEIRA, Evandro Sampaio de. Notícias de periódicos (referencia da coletânea)

_____Sobre a mudança do nome do jornal. . Notícias de periódicos (referencia da coletânea)

PALLARES-BURKE. Maria Lúcia Garcia. A Imprensa periódica como imprensa educativa no Século XIX. In: Cadernos de Pesquisa número 104. p. 144-161. Jul. 1998.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil: 1930/1973**. 10ª Ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1978.

SOBRE a demonstração de partidarismo. **O Santanópolis**, Feira de Santana, Bahia 27 ago.1955, nº5, Ano I, p 1

SOBRE a mudança do nome do jornal. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia 17 set.1955, nº8 Ano II, p.1

SOBRE a imprensa estudantil. **O Coruja**, Feira de Santana, Bahia, 20 set.1955, nº11, p.1.

SOBRE o ensino noturno. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia 25 ago1956, nº49, p.1.

SOBRE o apoio da prefeitura ao curso noturno. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia 16 set.1956, nº52, p.1.

SOBRE grêmios estudantis. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia 15 jun.1957, nº52, p.(?)

SOBRE a imprensa e educação. **O Coruja**, Feira de Santana, Bahia. 04 jun. 1957, nº 72 p. 1.

SOBRINHO, Virgílio. Sobre a greve de professores no sul da Bahia. **O Coruja**. Feira de Santana, Bahia 18 nov.1956, nº61, p. 1.

TAVARES, Luís Henrique Dias. Fontes para o Estudo de educação no Brasil – 2ª Ed. – Salvador: Bahia; Universidade do Estado da Bahia: UNEB, 2001.

VOLTA O Santanópolis à circulação. **O Santanópolis** Feira de Santana, Bahia. 09 set.1954, nº1. Ano I, p 1